

## DIALOGIA E ESTILO: O TRABALHO ARGUMENTATIVO DE UM SUJEITO NA LINGUAGEM \*

Luciano Novaes VIDON

**RESUMO** *Este trabalho apresenta os resultados de um estudo longitudinal sobre a emergência da argumentação na aquisição da escrita e sua relação com o desenvolvimento de um estilo lingüístico individual. Entende-se, por estilo, o trabalho de escolhas (Granger, 1969; Possenti, 1988) realizado na linguagem, concebida, por sua vez, de acordo com Franchi (1977), como atividade constitutiva e com Geraldi (1995), como ação (com, sobre e da linguagem). A argumentação é concebida segundo Perelman (1996 [com Olbrechts-Tyteca] e 1997). Com base em Bakhtin (1992a, 1992b), as relações entre um eu e um outro da linguagem são assumidas como constitutivas, tanto do trabalho argumentativo do sujeito, quanto de seu trabalho estilístico. Dentro dessa perspectiva, postula-se, também com Bakhtin (op. cit.), que o trabalho com os gêneros do discurso fundamenta os trabalhos argumentativos e estilísticos revelados pelos dados analisados.*

**ABSTRACT** *This work presents the results of a longitudinal study on the emergence of individual style and argumentation. The principal question of this study is whether style can be found in argumentation. Style is understood as a matter of choices (Possenti, 1988) as realized in language understood as constitutive (Franchi, 1977) and as activity (Geraldi, 1995), within a Bakhtinian framework (1992a, 1992b), which establishes dialogue as the principal linguistic mechanism. Argumentation is understood according to Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) e Perelman (1997). Relations between the self and another within language are assumed to be constitutive not only of the subject's argumentation, but also in terms of the development of style. Within this perspective, as postulated by Bakhtin (op. cit.) and revealed within the analysis of the subject's writing, argumentation and style are founded on discourse genres.*

---

\* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentado ao Curso de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 4 de abril de 2003, orientada pela Profa. Dra. Maria Laura T. Mayrink-Sabinson.

## INTRODUÇÃO

Este texto é resultado de um trabalho de pesquisa iniciado em 1997, a partir do meu ingresso no Programa de Mestrado em Linguística Aplicada do IEL/UNICAMP. Naquele momento entrei em contato com o grupo de pesquisa em aquisição da escrita do instituto e, sob orientação da Profa. Dra. Maria Laura T. Mayrink-Sabinson, comecei a trabalhar com o *corpus* de LM<sup>1</sup>, um dos vários *corpora* longitudinais do grupo.

A profa. Maria Laura, juntamente com as Profas. Dras. Raquel S. Fiad e Maria Bernadette M. Abaurre, desenvolviam, então, um projeto de pesquisa a respeito da constituição estilística de sujeitos em fase de aquisição da escrita. As motivações epistemológicas vinham da identificação, nos dados de vários *corpora*, de marcas linguísticas de autoria dos textos. As pesquisas sobre aquisição da escrita viam-se, assim, diante de outra perspectiva, teórica e epistemológica, em que se deixava de focalizar o sujeito cognoscente piagetiano (Ferreiro e Teberoski (1991); Ferreiro (1989); entre outros) para centrar a análise em indivíduos reais desenvolvendo a linguagem escrita. O grupo se propunha, assim, a discutir as marcas de autoria encontradas nos textos desses indivíduos reais (cada qual com a sua história de aquisição da escrita) à luz de uma teoria da linguagem francamente em oposição à teoria de base cognitivista.

Pela própria configuração teórica e epistemológica do grupo, cujo quadro teórico era o sócio-histórico-discursivo (Geraldi, 1995; Bakhtin, 1992a, 1992b), não caberiam as formulações tradicionais de estilo (Martins, 1989; Monteiro, 1991), cujas visões ora se reduzem ao psicologismo, ora ao sociologismo, ora a um formalismo essencialista, beirando o metafísico (Vidon, 1999; 2003). As considerações de Possenti (1988), a partir de Granger (1969), sustentam uma outra base teórica em que se coloca a questão do estilo como resultado de um processo de escolhas na linguagem, revelando, por isso mesmo, uma forma de subjetividade.

A proposta de se discutir fatos de estilo em textos de iniciantes na escrita coloca em questão o que se trata, tradicionalmente, como fatos de estilo bem como os pressupostos teóricos que sustentam tal tratamento. É comum fatos de estilo serem associados a fatos literários de diversas naturezas. Há um pressuposto básico de que estilo estaria vinculado à literatura, ainda que as discussões nesta área girem em torno de aspectos da linguística, da sociologia, da psicologia ou mesmo da filosofia. Antes de tudo, é a questão estética que está em jogo. Nesse sentido, para se justificar uma suposta *literariedade* de um texto recorre-se à estilística, disciplina marcada principalmente pela delimitação do próprio campo de ação lingüístico-verbal-estética. Os limites da

---

<sup>1</sup> LM é filha de professores universitários e teve sua produção escrita coletada pela mãe desde as primeiras garatujas até o final do ensino médio/pré-vestibular. Essa produção constitui um dos materiais de pesquisa documentados no banco de dados do grupo de pesquisa em aquisição da escrita do IEL/UNICAMP.

estilística compreendem, em especial, uma concepção de sujeito e uma de língua. Sobre o sujeito recai o peso de ser uma espécie de *iluminado, inspirado, tocado* “pelas mãos divinas”. Sobre a língua pesa a noção de *pureza, estabilidade, sistema*. Em ambos, as noções de acabamento, sistematicidade, controle tornam o campo muito fechado, inflexível, impedindo mesmo questionamentos mais profundos sobre suas noções de base.

Do ponto de vista discursivo, entretanto, a atividade estilística é uma consequência da própria atividade de linguagem. De acordo com Possenti (1988: 187), “*o ponto de partida necessário para poder-se pensar a questão do estilo é a admissão da variabilidade dos recursos como constitutiva da língua.*” Diante da diversidade de recursos da língua, o sujeito é praticamente forçado a escolher – nesse caso, o sujeito não tem escolha!

*“se o locutor busca, dentre os possíveis, um dos efeitos que quer produzir em detrimento dos outros, terá que escolher dentre os recursos disponíveis; terá que ‘trabalhar’ a língua para obter o efeito que intenta. É nisto que reside o estilo. No como o locutor constitui seu enunciado para obter o efeito que quer obter.”* (Possenti, id.: 158)

Duas condições concorrem, portanto, para a existência do fenômeno estilístico: a multiplicidade de recursos da língua e o sujeito da linguagem, capaz de fazer escolhas. Este sujeito que escolhe não é concebido como alguém submetido irreversivelmente às constrictões quer gramaticais quer sociais.

*“o falante tem um papel fundamental, não só o contexto, ou a classe a que pertence. Se não é verdade que ele não está livre das regras lingüísticas nem das sociais, também é verdade que as regras lingüísticas lhe permitem pelo menos aspirações, representações e, mesmo, rupturas de regras, lugares onde a subjetividade se manifesta como não necessariamente assujeitada, mas sim ativa.”* (Possenti, id.: 198)

Nesse sentido, o estilo é social e histórico dado que se consubstancia na relação de um *eu* com um *outro*. Desta forma, descarta-se uma perspectiva psicologizante (Câmara Jr., 1962; Monteiro, 1991; Spitzer, 1948) em que o trabalho estilístico é entendido como puramente endógeno, egocêntrico. De acordo com Possenti (id.), o trabalho de um sujeito na linguagem constituiria um estilo, porque neste trabalho necessariamente haveria um processo de escolhas (Granger, 1969) e comumente as escolhas têm um caráter subjetivo.

O processo de escolha é assumido, assim, como constitutivo do estilo. Visto dessa forma, o estilo revelaria a manifestação da subjetividade nas preferências lingüístico-discursivas de um sujeito. Mas quando haveria estilo efetivamente? Segundo Possenti (1993: 203), há estilo se e quando há marca de trabalho do sujeito na linguagem. Essas marcas poderiam ser encontradas mesmo nos textos iniciais, as primeiras produções textuais escritas de um sujeito (e mesmo antes disso) e poderiam revelar um estilo em construção.

## ESTILO E ARGUMENTAÇÃO NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA

Analisando parte do *corpus* de LM – em especial, narrativas produzidas ao longo do ensino fundamental -, Mayrink-Sabinson (1997) considera que certas tendências estilísticas desse sujeito estão relacionadas à presença de um outro discursivo constante nos textos de LM: o seu cotidiano, as suas experiências pessoais, a vida-em-si (e não o mundo da ficção, com o qual ela também tinha um contato bastante freqüente). A partir desse lugar discursivo, LM recorre, quase sempre, segundo Mayrink-Sabinson (op. cit.), a processos semânticos de subversão de certas *ordens naturais das coisas*.

Depois de ter analisado o papel da escola, em relação à individualização estilística de LM, observando aí um processo conflitante já que a escola tende para a homogeneidade enquanto o sujeito tende para a heterogeneidade, passei a analisar, em textos expositivos-argumentativos principalmente, as tendências estilísticas de LM, apontadas por Mayrink-Sabinson.

A investigação dessas tendências levou-me a propor como hipótese de trabalho que, na argumentação, o estilo de LM tendia para um humor grotesco, no sentido de rebaixamento de tudo que é elevado (Bakhtin, 1987). Em geral, os dados analisados mostram uma voz social que é retomada e tratada grotescamente.

O primeiro dado que me chamou atenção nesse sentido foi o seguinte. Trata-se de um texto produzido na 5ª série do ensino fundamental a partir de uma proposta apresentada na disciplina de geografia. Os alunos deveriam escrever um texto dissertativo relacionando *salário, saúde e educação*. LM divide o seu texto em três partes, tratando, no plano formal, separadamente os temas. O fragmento analisado abaixo representa a terceira parte do texto, dando a entender que se trata de uma conclusão, em termos formais e discursivos.

*Ce as pessoas pobres, em suas infancias/ conceguem ter a educação teriam capaci/ dade de conceguirem a saúde quando velhos.// Ce não ficariam na situação do desemprego e/ sem a saúde, como a maioria fica por cauza/ do minicimo salario que ganhão."*

Nesse caso, o tema *salário-mínimo* é rebaixado grotescamente de um lugar discursivo elevado na esfera sócio-política. Ocorre uma espécie de carnavalização desse tema através, basicamente, de duas operações lingüísticas. Primeiro, há o reposicionamento do atributo *mínimo*, da expressão *salário-mínimo*, passando da posição morfossintática final para a inicial – no interior do sintagma nominal. Segundo, há a superlativização do atributo, elevando-o a um grau máximo (para usar a terminologia gramatical tradicional). Entretanto, ao mesmo tempo em que, gramaticalmente, esse atributo é superlativizado – com o acréscimo do sufixo *-císsimo* -, discursivamente ele parece operar no sentido contrário. O efeito que *minicíssimo salário* parece querer provocar é o de rebaixamento, também a um grau extremo.

Outro exemplo desse trabalho lingüístico e discursivo é encontrado em respostas de provas de história, como as seguintes:

*“...A inconfidência mineira fora interonpida por portugal porque portugal não queria que o Brasil deixace de ser sua colonia, mas o inconfidentes queriam a inconfidencia. Quando eles foram descobertos logo foram incriminando tiradentes por ser mulato pobre e um dos líderes. Quem condenou tiradentes foi a mãe de D. João IV, dona Maria que já tinha um parafuzo a menos.”*

*“Em uma das eleições, a primeira que Getulio Vargas participou ele não ganhou por que tiveram muitas fraudes e o povo comesava a se irritar. Quando João pessoa (o vice de Getulio) fora assassinado o povo terminou de se irritar e partiu pra briga. Eles ião invadir uma cidadezinha do interior, mas quando eles chegaram na tal cidade veio a noticia que o prezidente (atual da epococa) havia cido deposto e o Getulio Vargas assumiu o poder.// Essa guerrinha que não houve foi chamada de ‘A guerra que não houve’.”*

*“O governo de D. pedro I era daqueles bem moderados mesmo, e o povo não gostava disso e comessou a fazer uma bagunsa total que D. pedro não conseguia segurar o povo, até seu pai morrer. Com a morte de seu pai uzou como desculpa o trono vazio em portugal e renunsiou a sua pessoa, deixando seu filho...”*

*“Os moderados eram os conservadores e os exaltados os liberais, mas no governo eram farinha do mesmo saco por que faziam as mesmas coizas porque vinha do mesmo lugar.”*

Os recursos lingüísticos agenciados sugerem uma nova ordem à existente na cadeia de textos produzidos neste tipo de situação enunciativa. Tem-se um tipo textual, pertencente a um gênero discursivo escolar, a partir do qual, num processo parafrástico, o aluno deveria elaborar seu enunciado no momento da prova. O estilo deste tipo textual é conciso, objetivo, sério, didático. Ao recorrer, por exemplo, a expressões populares – como *parafuso a menos, partiu pra briga, bagunça total e farinha do mesmo saco* - e procurando assumir um tom troçador no discurso, o enunciado rompe com o que até então era convencional. O recurso utilizado é sarcasticamente destruidor. Ele provoca um deslocamento. Ao mesmo tempo, há um processo de regeneração, realinhamento. A paródia realizada, ao tomar o espaço da paráfrase, coloca o objeto assuntado em outro lugar – o de ridículo. Neste caso, o processo argumentativo é de rebaixamento realizado através do discurso. O caráter regenerador está no papel reflexivo sugerido pelo rebaixamento do tema. Argumentativamente, ele exige um olhar de perspectiva, ao contrário da visão de retrospectiva pressuposta pelo discurso histórico oficial.

Análise semelhante pode ser feita do texto a seguir, produzido em ambiente doméstico:

*À Faber Castell*

*Ganhei, no começo do ano, um conjunto de canetas Faber Fixwave.// Logo que comecei a usar a caneta/ rosa e a caneta verde já estouraram e elas/ custaram bem caro para a/ qualidade do produto (uma/ porcaria).// Eu espero que vocês/ tomem providências sobre/ isso.*

Nesse texto, a destruição do argumento de qualidade do produto também é feita através do uso de uma expressão popular: *uma porcaria*.

No texto que segue, a ruptura com uma certa ordem discursiva cultural, no sentido de lugares discursivos reprimidos pela sociedade, provoca o leitor, deslocando-o de um lugar discursivo para outro. O processo subversivo, neste caso, parece atingir em cheio aquilo que Bakhtin (1987) denomina de realismo grotesco.

*Cotonete a solução de seus/ problemas/ Ce o seu papel higiênico acabou/ uze cotonete.*  
(18/6/93 – propagandas para aula de dança).

Todos esses textos parecem refletir os mesmo fenômenos: processos carnalizantes, subversivos no sentido de rebaixarem algo considerado elevado, como o tema *salário-mínimo*, da esfera sócio-político-econômica, a história oficial do Brasil (momentos, marcos históricos; personagens, heróis nacionais; fatos etc.), a tradição de um determinado produto ou de uma determinada empresa bem como certos valores culturais estimados por uma determinada sociedade.

Restava perguntar se tais processos poderiam ser encontrados em textos do ensino médio quando o sujeito já se encontrava em um processo mais avançado de sistematização da forma dissertativa de argumentar.

O texto a seguir foi escrito no final do 3º ano do ensino médio e dá indícios de que a argumentação se desenvolve a partir de um trabalho lingüístico (e estilístico) que desloca um enunciado de domínio público – originalmente se trata de um verso de um poema de Fernando Pessoa -, que tem um valor claramente positivo, pertencendo inclusive a discursos de auto-ajuda, e coloca-o em outro lugar discursivo. No lugar de *tudo vale a pena se a alma não é pequena* é colocado *nem tudo vale a pena sendo a alma grande*.

#### **“Nem tudo vale a pena sendo a alma grande”**

*O Brasil, país de famintos, dos massacres, dos cidadãos inocentes, da expoliação, da pobreza, do subdesenvolvimento, do extermínio da parcela indígena da sua população, já passou por muitas propostas e promessas mas continua com os mesmos problemas de sempre. Presidentes vêm e vão com propostas já conhecidas e aprovadas por seu público mas desconhecidas e negadas pelo congresso. Passeatas e rebeliões já não funcionam mais contra os famigerados por dinheiro e possessões que enquanto se esbanjam em luxos assistem a milhares catarem lixo nos lixões para subsistência de cinco filhos, sem emprego e sem moradia.*

*Uma reforma agrária, uma administrativa e uma social valeriam a vida e dignidade da maioria brasileira mas não valeriam a pena para os ricos fazendeiros que fazem greve por três dias e mobilizam a economia do país, não valeria a pena para os banqueiros que não mais teriam seus bancos cheios de dívidas salvos com o dinheiro público e nem para os juizes que teriam o seu teto salarial de 5 mil reais abaixado para que um operário tivesse seu salário mínimo aumentado 12 reais.*

*A alma egocêntrica de todos esses citados anteriormente é grande demais mas tudo que lhes vale a pena não vale para o país. Talvez quando o governo deixar de ser submisso e dominado por estes e aqueles tudo possa valer a pena para salvar o país, para que o “gigante” não permaneça deitado eternamente em berço esplêndido e nem aqueles que não merecem.*

Um enunciador irônico, uma espécie de parvo, de bobo da côrte, dialoga com um enunciador genérico, uma voz social, um lugar-comum de um discurso representado como oficial – institucionalizado. O verso de Pessoa, *tudo vale a pena se a alma não é pequena*, é rebaixado de seu contexto original, de louvação ao reino de Portugal. O tratamento grotesco nega o sentido original do enunciado. O texto todo gira em torno dessa premissa principal.

O mesmo fenômeno parece se dar no texto apresentado a seguir:

*Ensina-se para todas as crianças em idade escolar que o Brasil foi descoberto em 1500 por Pedro Álvares de Cabral, ao acaso, em seu caminho para as Índias. Novas pesquisas, no entanto, divulgam uma nova data de descoberta. Historiadores afirmam que um navegador português da maior confiança do rei de Portugal, chamado Duarte Pacheco Pereira, gênio da astronomia, navegação e geografia, teria chegado aqui em 1498. O Brasil estaria, portanto, comemorando 502 anos.*

*Descoberta por descoberta, consideremos a de Pedro Álvares de Cabral. A festa está sendo aprontada, uma grande comemoração de cinco séculos de vida, ou melhor, de vida após a “descoberta” portuguesa. Afinal os nativos já viviam nessas terras há muito mais tempo. Claro que poucos deles restam para a comemoração.*

*Ensina-se, também, que o Brasil foi colonizado por Portugal, tornou-se independente pelo grito de um legítimo português. Entretanto muitas pessoas hoje em dia não sabem mais o que nosso país é. Talvez o problema que impede o país de seguir em frente seja esse. Comemorar o quê?*

*Arruinado por uma economia dependente de países de primeiro mundo, desde 1826 a terra das palmeiras cultivava uma dívida externa por hábito ou necessidade. Porém essa dívida não é mais paga com produtos naturais e sim com dinheiro, preferivelmente com o dólar, moeda norte americana que é o terror do real. O real, a moeda da salvação, implantada por um governo que prometia a melhoria da qualidade de vida do proletariado, a grande massa de população, durante os últimos meses vem dando mais prejuízos do que lucros, principalmente para as classes média e baixa, que além de sofrer com a alta dos preços têm que levantar dinheiro para pagar impostos que teoricamente são usados para cobrir a velha dívida interminável.*

*Brasil, país de muitas riquezas, berço esplêndido de imigrantes logo destruído pela escravidão e salários mais que mínimos. O gigante deitado eternamente, explorado pelo imperialismo, tornou-se uma nação de duas faces. Poucos com muito e muitos sem nada. Em Miami, os ricos e poderosos... do Oiapoque ao Chuí, o Brasil dos muitos sem teto, sem terra, sem emprego, sem escola, sem chuva, sem comida, sem lugar, sem país.*

*Muitos dizem que, apesar dos diversos problemas apresentados, é negável o fato de que o Brasil tem se desenvolvido e crescido já que existem no país o Código de Defesa do Consumidor, leis que cuidam do racismo, trabalho e exploração infantil, o Código Penal, a Declaração Universal dos Direitos Humanos e outros diversos direitos e leis que todo ser humano merece. Mas devemos lembrar que nem sempre esses órgãos de defesa do ser humano funcionam, deixando processos estacionados por culpa da burocracia. Que Direitos Humanos são esses que funcionam apenas para os que têm muito? Estes Direitos são aqueles que só o dinheiro pode comprar, o dinheiro do governo e das classes elevadas que acaba saindo, direta ou indiretamente, do bolso do contribuinte trabalhador.*

*Razões para comemorar eu não vejo, talvez os bolsos cheios vejam. Não tendo o pão, as emissoras de televisão preparam o circo para o povo.*

Há aqui também o trabalho de um enunciador que subverte o discurso de um outro enunciador, o *on* genérico ducrotiano, indiciado por formas como o *se*, de “ensina-se...”, ou o *muitos*, de “muitos dizem...”. A este *on*, e a seu discurso, o enunciador crítico, subversivo contrapõe um outro discurso, que visa o combate a toda uma ideologia. O 5º parágrafo é fundamental neste sentido, refletindo significativamente uma voz cujo tom é ao mesmo tempo sarcástico, irônico, destruidor. Este enunciador se torna a voz dos também sem voz que, de fato, não têm o que comemorar, porque nem mesmo o pão resta a eles... Apenas o circo, o carnaval, o grotesco.

## CONCLUSÃO

Parece ser na própria linguagem que o sujeito encontra as brechas para um trabalho estilístico e retórico. Assim, *minicíssimo salário* é um tratamento grotesco (no sentido bakhtiniano) do tema “salário mínimo”, elevado a um grau máximo e ao mesmo tempo rebaixado a uma condição absurda – é o próprio *nonsense*; há um humor, irônico, sarcástico, destruidor. O mesmo tratamento se dá com temas relacionados à história do Brasil; momentos históricos, que, oficialmente, são lembrados como marcos de glórias do passado da nação, ou seja, são momentos (com seus devidos heróis) elevados da história oficial, tornam-se, também, alvos desse humor grotesco – irônico, sarcástico, subversivo; e esse projeto de texto, esse querer-dizer, nos termos também de Bakhtin, encontra na linguagem espaço para se concretizar: “D. Maria que tinha um parafuso a menos”; “Essa guerrinha que não houve”; “os moderados e os conservadores eram tudo farinha do mesmo saco”; etc.

Por fim, esse sujeito crítico, questionador, “subversivo” identifica no próprio povo a expressão mais precisa do grotesco; o povo vive o grotesco, vive absurdos, vive em um eterno circo, correndo atrás de migalhas de pão; o salário mínimo é sua grande metáfora; por isso, sempre que o tema a ser discutido, tocava o povo, o tema salário mínimo tornava-se presente e ali o sujeito investia um trabalho lingüístico (salários *mais que mínimos*, *minimozinho*, salários *tão mínimos* etc.).

Por fim, ainda, esta subjetividade é constituída pelos próprios gêneros trabalhados, pela própria linguagem e, naturalmente, pela própria história de vida do sujeito, em especial sua relação com um outro dialógico presente, desde sempre, em suas interações verbais.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (1992). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec. [1929].
- \_\_\_\_\_. (1992). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes. [ed. Francesa: 1974].
- \_\_\_\_\_. (1987). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília, Editora Universidade de Brasília.

- CÂMARA JR., J. Mattoso. (1962). *Ensaio Machadiano*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- FERREIRO, E. (1989). *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez.  
\_\_\_\_\_. (1993). *Com todas as letras*. São Paulo: Cortez.
- FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. (1991). *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- GERALDI, J.W. (1995). *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- GRANGER, G.G. (1969). *Filosofia do estilo*. São Paulo: Cultrix.
- MAYRINK-SABINSON, M.L.T. (1997). *O papel do interlocutor*. In: Abaurre et alii. *Cenas de Aquisição de Escrita: o sujeito e trabalho com o texto*. Campinas, SP: Associação de Leitura do Brasil (ALB): Mercado de Letras. (Coleção Leituras no Brasil).
- MARTINS, N.S. (1989). *Introdução à estilística*. São Paulo: Edusp.
- MONTEIRO, J.L. (1991). *A estilística*. São Paulo: Ática.
- PERELMAN, C. (1997). *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes.
- PERELMAN, C. & OLBRECHTS-TYTECA, L. (1996). *Tratado da Argumentação- A nova Retórica*. (trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira). São Paulo: Martins Fontes.
- POSSENTI, S. (1993). *Estilo e aquisição da escrita*. In: *Estudos Lingüísticos XXII*, Anais do Seminário do GEL. Ribeirão Preto: Instituição Moura Lacerda, pp. 202-204.  
\_\_\_\_\_. (1988). *Discurso, Estilo e Subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes.
- SPITZER, L. (1974). *Lingüística y história literária*. Madrid: Gredos. [1948].
- VIDON, L.N. (1999). "Individualidade e escolarização: estilos em conflito (análise de dados singulares)". [Dissertação de Mestrado]. Campinas: IEL/UNICAMP.  
\_\_\_\_\_. (2003). "Dialogia, estilo e argumentação no trabalho de um sujeito com a linguagem" Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.